

VIOLÊNCIA FÍSICA CONTRA A MULHER

SERRAGLIO, Carla Jamarino ²; SERRAGLIO Cristien³; CASTRO Luciana A. P. de ⁴

INTRODUÇÃO

O interesse em realizarmos o presente estudo é fruto da vivência do conhecimento que temos acumulado em nossa vida acadêmica.

O desejo de aprofundar os estudos, constitui-se como um desafio, que acreditamos, poder enriquecer as discussões que tem colocado, a cerca da questão de gênero no trato da violência contra a mulher, quer em uma possível colaboração para uma intervenção, quer em uma colaboração para um desvelamento sobre o problema posto.

Quais motivos levam as mulheres da cidade de Presidente Prudente, que sofrem violência física a não romper com o ciclo de agressão?

As mulheres agredidas sentem-se dependentes financeiramente ou afetivamente de seus agressores. Há o medo do julgo moral da sociedade.

O que queremos retratar neste estudo é o fenômeno da violência contra a mulher, em especial a que ocorre no âmbito doméstico e das relações intra-familiar, acarretando serias e graves conseqüências não só para o seu pleno e integral desenvolvimento pessoal mas também comprometendo o exercício da cidadania e dos direitos humanos.

A violência praticada dentro e/ou fora do âmbito doméstico-familiar contra mulheres e meninas, é matéria de tamanha relevância, que tem recebido especial tratamento não só nas declarações das Conferencias de Direitos Humanos, como também nas convenções internacionais de proteção aos Direitos Humanos. As convenções, ao contrario das declarações, tem força jurídica vinculante (obrigatória) para os Estados que as ratificam.

Quando se fala em Direitos Humanos das mulheres, importa frisar que há de se considerar o tema trabalhando-o na perspectiva da discriminação e da violência, fenômenos intrinsecamente relacionados no que se refere às desigualdades de gênero. Desigualdades estas que se concretiza pela cultura,

valores, significações, hierarquizações, modo de produção e reprodução da vida, instituições e organizações, devido a uma sociedade de cunho machistas e patriarcais.

A discriminação e a violência contra a mulher são parte de um mesmo binômio, como faces da mesma moeda, discriminação e violência se retroalimentam.

Os atos de violência contra mulheres ocorrem, com maior incidência, dentro de seus próprios lares e os agressores são maridos, namorados ou companheiros.

A razão maior das agressões contra mulheres se justifica pelo álcool, droga, desemprego, ciúmes, insegurança ou impotência e pelo próprio machismo, diante desses fatores os homens cometem a agressão como uma forma de tentar se manter superior.

E alguns dos fatores que levam as mulheres a não denunciarem é o próprio amor pelo marido, pelos filhos, o grande preconceito que a sociedade ainda estabelece e a insegurança.

Essas constatações nos remeteram ao entendimento que as análises sobre a violência contra mulher carecia de uma problematização mais crítica.

Portanto essas constatações foram os principais incentivos para a elaboração do presente estudo.

JUSTIFICATIVA

O problema de mulheres submetidas à violência física, decorre de complexos processos históricos que sucederam na configuração da sociedade ou formações sociais como as nossas que tem um desenvolvimento desigual e combinado.

Este problema é algo que vem tornando-se preocupante no país, devido a forma desenfreada que vem ocorrendo.

No entanto, compreendemos que a questão da violência física contra mulheres não deve ser entendido como fator isolado, pois, sua decorrência provem de diversos fatores econômicos e sociais tais como preconceito, discriminação, pobreza, transformações no mundo do trabalho entre outros.

De acordo com o site www.noolhar.com, no Brasil, de cada cinco mulheres, três já sofreram algum tipo de violência.

Este é um drama que atinge tanto as classes mais altas como as mais baixas, sem distinção. Apesar dos avanços no quesito denuncia, ainda é difícil para muitas mulheres denunciar a violência que sofrem, em especial no próprio domicílio. Podemos ressaltar alguns motivos: sentem-se emocionalmente e financeiramente ligadas ao agressor; sentem-se culpadas e envergonhadas; acreditam que “ele vai mudar”.

As etapas da violência contra a mulher são geralmente as mesmas: tudo começa com aquele clima de horror, caracterizado por ofensas e gritos, depois vem a agressão física, em seguida a desculpa e jura de amor, seguida da reconciliação.

Estudos demonstram que o clichê se repete: tensão, agressão cada vez mais violenta, pedidos de perdão, prazeres, tensão. Muitas vezes esse espiral de violência termina como o assassinato da mulher.

Diversos estudos demonstram que a probabilidade de mulheres sofrerem lesões corporais em um ambiente doméstico é maior e mais graves do que imaginamos. Sabe-se também que nem sempre o agressor é o marido, mas um homem próximo por relação pessoal de parentesco.

Milhões de mulheres ao redor do mundo sofrem nas mãos de homens violentos. A maioria em silêncio, acham que não adianta denunciar, afinal, é comum o que o marido a violenta, simplesmente negar as acusações, dizendo que sua mulher exagera as coisas ou então afirmam que ela fica nervosa por qualquer coisa. Aceitar estes pretextos equivale a culpar a vítima e desculpar o agressor.

Até os anos 70, quando começou o movimento feminista, a visão sobre este tipo de agressão era tida pela sociedade como um direito do homem para manter a integridade da família. Mesmo depois do novo contexto histórico de desigualdade entre os dois sexos, cuja conquista passou também pela denuncia dos abusos cometidos contra a mulher, mas infelizmente esta violência ainda continua sendo um tabu, não há muitas denúncias.

O número das agressões efetivamente anunciadas não trás ainda a realidade que esta sendo posta.

Mais da metade das vítimas não denunciam o crime que sofreram. Além disso, muitos setores da sociedade ainda naturalizam a agressão e, mesmo sabendo que isso ocorre entre pessoas próximas, não interferem.

Acreditamos que diante destes fatos, faz-se necessário um estudo desse fenômeno, pois, é de grande relevância por tratar de um fenômeno ainda com pouca visibilidade e de pouca importância, diante de uma sociedade ainda patriarcal, machista e conservadora.

OBJETIVO

Oferecer subsídios científicos para melhor compreensão desse problema, subsidiando inclusive possíveis intervenções nesta área.

Conhecer os argumentos apresentados pelas mulheres que sofrem agressões por parte de seus companheiros.

METODOLOGIA

O estudo a ser realizado, analisará o fenômeno da violência física contra a mulher, utilizando-se de pesquisa qualitativa e quantitativa para posteriormente delimitarmos a amostra a ser estudada.

O método é o estudo de caso, que é caracterizado como um estudo intensivo, onde leva-se em consideração a compreensão como um todo do assunto pesquisado.

Para coleta de dados, utilizamos também as técnicas de entrevistas e análises documentais.

A entrevista nos auxiliará para obtenção dos dados, uma vez que a coleta se fará com mulheres que passam pelo problema estudado.

A análise documental poderá complementar as informações colhidas na entrevista, tornando o estudo mais rico em informações.

O campo de coleta de dados será no Hospital Universitário de Presidente Prudente, Delegacia da Mulher de Presidente Prudente, 5ª e 1ª Companhia de Polícia Militar de Presidente Prudente.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Maria Amélia; PATERNOSTRO, Maria Eduarda; VAICIUNAS, Nancy; GUERRA, Viviane N. de Azevedo. Mulheres espancadas: a violência denunciada. São Paulo: Cortez, 1985. 176 p. ISBN 85249

BRUSCHINI, Cristina. Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Editora 34, 1998. 413p. ISBN 85-7326-084-X

IZUMINO, Wânia Pasinato. Justiça e violência contra a mulher: o papel do sistema judiciário na solução dos conflitos de gênero. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2004. 277 p. ISBN 85-7419-026-8

LOURENCAO, Elizabeth Soares P. ... [et al.] O perfil da mulher vitimizada pela violência doméstica, atendida pela Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher de Presidente Prudente, no ano de 1998. Presidente Prudente : 1999. 73 p.

LEAL, César Barros; PIEDADE JÚNIOR, Heitor. Violência e vitimização: a face sombria do cotidiano. Belo Horizonte: Del Rey, 2001. 299 p. ISBN 85-7308-422-7

SANCHES, Vanessa. A violência doméstica contra a mulher nas relações more uxório e matrimoniais. Presidente Prudente, 2003. 125 f. Monografia (Graduação) - Faculdades Integradas Antônio Eufrásio de Toledo.

SILVA, Marlise Vinagre. Violência contra a mulher : quem mete a colher?. São Paulo: Cortez, 1992. 180 p. ISBN 85-249-0374-0

TÁVOLA, Artur da. A violência contra a mulher. Brasília: Câmara dos Deputados. Centro de Documentação e I, 1993. 14 p.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. O que é violência contra a mulher. São Paulo: Brasiliense, 2003. 120 p. ISBN 85-11-00063-1

Mensagem recebida por <lud.cãs@bol.com.br> em 17 set. 2004. Endereço do Site www.noolhar.com sobre violência contra mulher (mensagem Pessoal).